

RELAÇÕES INTERÉTNICAS NAS FRONTEIRAS DA AMÉRICA MERIDIONAL NO SÉCULO XVIII

Glória Kok*

Texto apresentado no XXIV Simpósio Nacional de História, São Leopoldo RS,
Seminário Temático *Os Índios na História: Fontes e Problemas*, 15-20 de julho de 2007

Favor citar corretamente!

Resumo

Durante o século XVIII, complexas relações interétnicas se estabeleceram na conquista do extremo oeste da América portuguesa, a partir da descoberta de ouro em Cuiabá (1718) e em Goiás (1725). Três grupos indígenas se destacaram nos confrontos com os agentes colonizadores e outros grupos nativos: os Kaiapó meridionais, os Mbayá-Guaicuru e os Payaguá. Nesse violento processo, novas identidades se forjaram nas fronteiras ibéricas. Os territórios indígenas foram redefinidos de modo a significar não apenas o marco do domínio territorial das Coroas ibéricas, mas um divisor de águas entre etnias distintas, o que provocou mudanças profundas tanto nas culturas nativas quanto nas européias.

Palavras-chave: Índios, Conquista, América Meridional

“Abstract”

Au XVIII^e siècle des complexes relations interethniques se sont développées dans le cadre de la conquête de l’extrême ouest de l’Amérique portugaise, qui se suit a la découverte des mines d’or au Cuiabá (1718) et au Goiás (1725). Trois groupes indigènes ont lutté contre les colonisateurs: les Kaiapó meridionales, les Mbayá-Guaicuru et les Payaguá. Des nouvelles identités sont formées aux frontières iberiques. Les territoires indiennes furent redéfinis pour signifier, non seulement le domaine des couronnes iberiques, mais surtout la division entre les différentes populations amérindiennes, ce qui a provoqué des profondes transformations soit dans les cultures indigènes, soit dans les européennes.

Keywords: Indigènes, Conquête, Amérique Meridional

* Pós-Doutora, Departamento de Antropologia/CPEI, UNICAMP, Agência Financiadora CNPQ.

A expansão paulista do século XVIII em direção ao extremo oeste da América Meridional entrelaçou a história de muitas nações indígenas à história dos povos ibéricos. Novas frentes de povoamento no interior da América portuguesa enfrentaram uma forte ação de resistência por parte de alguns grupos indígenas que se mostraram capazes de elaborar respostas de caráter étnico à nova fase da posseção ibérica (VANGELISTA, 1991:152). No processo de conquista dos territórios indígenas, os agentes coloniais redefiniram as fronteiras do continente americano, de modo a significar não apenas o domínio territorial das Coroas ibéricas, mas, sobretudo, um divisor de águas entre etnias distintas.

Nesse contexto, três grupos indígenas destacaram-se pelos conflitos renitentes contra colonizadores e grupos nativos que colaboravam para efetivar a colonização nas fronteiras do Mato Grosso: os Kaiapó meridionais, os Mbayá- Guaicuru e os Payaguá.

Identidades indígenas redesenhadas

Os Kaiapó, nome tupi dado pelos colonizadores que significa “cara de macaco”, pertenciam à família Jê. No século XVII, viviam numa região que se estendia a noroeste da vila de São Paulo, ao norte de Cuiabá e a leste e ao norte de Goiás. No processo de conquista, os Kaiapó meridionais deslocaram-se para o sudeste do Mato Grosso, na região do Rio Pardo, atingindo a embocadura do Araguaia (NEME, 1969:104). A resistência ao avanço português motivou contínuos confrontos com os paulistas que circulavam pelos caminhos fluviais, da embocadura do Rio Tietê até o Rio Taquari, e pelas vias terrestres que conduziam a Goiás e a Mato Grosso.

Os Mbayá-Guaicuru habitavam nas margens do Rio Paraguai e percorriam vastos campos existentes entre os rios Paraná e Paraguai, no século XVIII. Segundo o comandante Francisco Rodrigues do Prado, os Guaicuru eram reconhecidos por diferentes nomes: os espanhóis os nomeavam *Cambas*; os habitantes de Vila Real e Assunção, *Línguas*; e, por fim, os moradores da cidade de Santa Cruz de la Sierra os chamavam de *Xiriquanos*. O documento os descreve como índios errantes, de alta estatura, robustos e saudáveis, sem sobrancelhas nem pestanas (PRADO, 1908: 22-23).

Empecilho à circulação e à ocupação das fronteiras do Mato Grosso, o grupo indígena que se autodenominava Evuevi ou Euébe, conhecido pelo nome Payaguá. Os

Payaguá habitavam nas margens do Rio Jaguari ou Taquari, e deslocavam-se pelos sertões do Mato Grosso e de Goiás (MARQUES, 1980:150). Tais índios, que falavam a mesma língua dos Guaicuru, eram hábeis canoeiros e faziam seus ranchos em uma das ilhas do Rio Paraguai, a seis ou sete dias de viagem da cidade de Assunção(CAMELLO, 1981:125).

A história da relação entre nativos, portugueses e espanhóis na América Meridional revelou-se bastante dinâmica. Políticas de alianças e dissensões perpassaram os contatos interétnicos como formas de reação e expressão à colonização ibérica. No século XVIII, as autoridades recomendavam a incorporação dos índios à sociedade colonial por meio do trabalho. De acordo com o parecer de Ricardo Franco de Almeida Serra, os índios deveriam se estabelecer em aldeamentos, “de tal forma que sejam úteis à agricultura e à mineração” (SERRA, 1866:204). No entanto, caso houvesse manifestação de resistência, ordenava-se escravização ou extermínio de grupos indígenas considerados hostis.

Os Kaiapó meridionais recusaram-se a aceitar a conquista de suas terras e a escravização iniciada pela bandeira comandada por Garcia Rodrigues Velho, em 1612. Como consequência, iniciou-se uma etapa de franca hostilidade nas relações entre ameríndios e paulistas no século XVIII. Os Kaiapó atacavam as canoas que incursionavam pelos rios Pardo, Paraná, Taquari, Verde, Coxim e Camapuã, os estabelecimentos dos dispersos moradores que ensaiavam roças às margens desses rios e os caminhos terrestres para Goiás. Para lutar, usavam arcos e flechas, além de uma espécie de porrete ou bilro. No varadouro de Camapuã, os viandantes precisavam de extrema cautela, sobretudo nos dias em que as cargas eram descarregadas pelos escravos. Já nos caminhos terrestres, principalmente na rota para Goiás, os Kaiapó demonstraram ter estratégias diversificadas de ataque. Quando as condições eram propícias, faziam um cerco de fogo com o intuito de impedir a fuga, abrasando *in loco* os viandantes. Com os corpos pintados da cor do mato, os Kaiapó atacavam grupos de sertanistas que se desgarravam para caçar. Conforme a descrição de Francisco Palácio:

“Costumam estes estar escondidos em qualquer moitazinha de matto bisuntados com terra, e estareis olhando para elles, sem divizares q. he gente, e deixandovos passar vos faram tyro por de traz com o já nomeado porrette pondo vos os miolos a mostra, e basta hum só gentio desta nação para acabar hua tropa de muitos milhares de homens” (PALÁCIO,séc. XVIII:14 verso).

Em 1785, constavam entre os escravos de Camapuã, os Kaiapó, capturados três anos antes por uma expedição punitiva organizada pelo fazendeiro que capturou umas

oitenta pessoas, além de pedaços de ferro, facas, tesouras e outros produtos “furtados”. (TAUNAY, 1981:226)

Por volta de 1700, os Mbayá-Guaicuru acirraram as hostilidades contra portugueses e espanhóis. A apropriação do cavalo trazido pelos espanhóis possibilitou um novo equacionamento de forças dos Mbayá-Guaicuru diante das tribos indígenas e dos adventícios. Graças à superioridade que os cavalos lhes proporcionavam, os Guaicuru guerrearam contra diversos grupos indígenas. Em suas aldeias viviam índios das nações Guaxi, Guató, Cayovaba, Bororo, Coroa, Caiapó, Xiquito e Xamococo (PRADO, 1795:31). Esses cativos de guerra serviam como reféns para serem trocados por produtos, formando uma complexa rede social. Ao longo do século XVIII, somaram-se os reféns espanhóis, portugueses, negros, mulatos e mamelucos. Hercules Florence presenciou a chegada de uma menina branca de doze anos em Cuiabá, capturada pelos Guaicuru no Paraguai quando ainda era bebê. Falava a língua guaicuru e tinha assimilado todos os costumes indígenas (FLORENCE, 1977: 90). “En cada expedición se contentan con obtner una sola ventaja. Sin esto no quedaria ya hoy un español en el Paraguay ni un português en Cuyabá” (AZARA, 1998:61), comenta Félix Azara.

Os Guaicuru possuíam armas bem diversificadas, reflexo do intenso intercâmbio cultural: arco e flechas, porretes e laços de couro, remos de canoas afiados nas extremidades, lança, facão e espingardas. Em combate, “vestem uma camisa de couro de onça, que lhes dá pelos joelhos, a qual julgam impenetrável a todas as obras offensivas, mesmo as balas”. (PRADO, 1797: 32).

A principal estratégia guaicuru era combater a cavalo em campo aberto em grandes tropas de cavaleiros. Quando avistavam os paulistas, “ajuntavam os cavallos e bois, e cobrindo os lados, os apertavam de sorte que, com a violencia com que iam, rompiam e atropellavam os inimigos, e elles com a lança matavam quantos encontravam diante” (CAMELLO, 1981:124). Os paulistas só conseguiram escapar à investida quando se embrenhavam na mata. No combate fluvial, os Guaicuru disparavam flechas e jogavam água nas armas de fogo (HOLANDA, 1986:54-55).

Os Payaguá, “corsários fluviais”, dividiam-se em tribo meridional – os Tacumbu, que se estabeleceram nos arredores de Assunção – e tribo setentrional – os Cadigué, que atacavam suas vítimas no delta do Paraná e na margem esquerda do Paraguai para capturar reféns. A partir do século XVIII, passaram a assaltar as monções paulistas, de

Porto Feliz a Cuiabá, quando transitavam pelas águas do Rio Paraguai. Observou o capitão Araújo que “traziam as caras, e corpos todos pintados, ornavam com variedade de penas as cabeças, [...] se se viam acossados de alguma canoa nossa, lançavam-se à água, em que nadam como peixes, e a viravam”[...] (ARAÚJO, 1981:142). Os Payaguá eram temidos pela habilidade com que guerreavam em suas canoas portando arco e flecha, porrete e lanças pequenas com pontas de ferro.

Dos produtos saqueados nos ataques, os Payaguá comercializavam ouro, prata e escravos em Assunção, e valiam-se do ferro para fabricar machados e pontas de flechas. No dia 15 de setembro de 1730, D. Carlos de Los Rios Valmaseda testemunhou a chegada de sessenta canoas de índios payaguás à cidade do Paraguai.

Quatro índios “muy emplumados, y armados com flechas, y lanças, y almagrados los rostros, vestidos com uno [s] cassacones de cuero de tigres a dar parte al d.º Governador, en como traian a unos cautivos Portugueses, que queriam vender a los Españoles; [...] poniendo excessivo precio a una señora Portuguesa, y a dos mancebos fuera de otros, y mulatos” (VALSAMEDA, 1981:146).

Depois de estabelecidos os termos satisfatórios da transação, os Payaguá trouxeram a senhora, chamada Domingas Roiz, natural de Lisboa, dois rapazes e doze negros e mulatos para serem trocados por prata. O sucesso do assalto payaguá com a captura de numerosos prisioneiros, além da apropriação de grande quantidade de ouro e prata, reforçou a identidade da tribo e incentivou a circulação de produtos coloniais nas aldeias indígenas, alterando o próprio circuito do comércio ibérico. Os Payaguá vendiam portugueses, mamelucos, negros e mulatos na cidade do Paraguai. Tão grande era o influxo de ouro trazido pelos nativos “oy se compran yá los generos de Castilla por oro, y no por yerva, ni tabaco” (VALSAMEDA, 1981: 148). A presença dos Payaguá no Pantanal, além dos constantes assaltos às monções, enfraqueceu os Guató, que dominavam a região e reforçou a aliança com os Guaicuru de 1719 até 1768.

Arenas de conquista

Com o agravamento das tensões ibero-ameríndias, o governador D. Luís Mascarenhas determinou que se efetivasse a conquista dos Kaiapó meridionais, nas circunvizinhanças de Vila Boa. Para tanto, ordenou, em 1741, a formação de duas companhias compostas por índios Carijó e *bastardos forros* para “se desenfestar as campanhas dos suburbios desta Villa do Gentio barbaro Cayapó, que tantas mortes, e estragos continuamente está fazendo” (DI,XXIII:166). Se os índios se entregassem, seriam presos e julgados, mas, se lutassem, seriam executados, excetuando crianças

com menos de dez anos para “se tirar o quinto de S. Mag.^e” (DI,XXII:168). Em 1742, Antonio Pires Campos,¹ conhecido como *Pai Pirá*, conquistador dos Bororo do planalto do Mato Grosso, firmou um contrato perante o governador D. Luiz Mascarenhas, cujos termos estipulavam a recompensa de uma arroba de ouro em troca de afugentar e destruir os Kayapó (D.I.,XIII:238-239). Campos atribuiu costumes canibais aos Kaiapó para justificar a guerra. Em 1774, sem ter mais condições de resistência, os Kaiapó foram conduzidos à aldeia de São José, onde “por motivo da mortandade e deserção os índios caíram em ruínas” (MATTOS, 1874: 244).

Sucessivas expedições punitivas também foram organizadas contra os Payaguá, que resultaram na expulsão desse grupo das tangentes do Rio Paraguai. No entanto, os assaltos às monções continuaram a ocorrer nos anos de 1737, 1740, 1744, 1752, 1753 e 1770. As contínuas investidas dos nativos modificaram as estratégias de destruição dos Payaguá. A partir da década de 1740, as autoridades enviaram “um cabo capaz de presentear e fazer amizades com o gentio Aycurú, para, por meio delles, destruírem-se os payaguás” (SÁ, 1898-1899:89). Uma expedição capitaneada por Antonio João de Medeiros, com doze canoas e 140 homens partiu com destino ao território dos Guaicuru para presentear-los com panos de cores, baetas, chitas, barretes, chapéus, fitas, contas, pentes, facas, tesouras, machados, entre outros. Em resposta, os Guaicuru ofereceram-se como aliados na guerra contra os Payaguá e contra os espanhóis. Comemorando a aparente conquista dos índios hostis, Barbosa de Sá observa: “plantou-se ali uma cruz e acclamou-se em altas vozes: – Viva El-Rei de Portugal, dizendo os gentios o mesmo que diziam os portugueses: prometteram não ofender aos portugueses e ser seus amigos” (SÁ, 1898-1899:94). No dia seguinte, contrariando o acordo, os Guaicuru mataram cinquenta soldados.

As autoridades procuravam interferir na política de aliança estabelecida pelos nativos, fazendo com que um grupo indígena se voltasse contra o outro. Ao mesmo tempo, vislumbravam possíveis alianças com os espanhóis na guerra contra os Payaguá. No ano de 1753, D. Antonio Rolim pediu autorização ao governador de Assunção (que nunca a concedeu) para ultrapassar as fronteiras com o objetivo de concluir a guerra

¹ Antonio Pires de Campos era natural de Itu e descobriu “também os rios Cuiabá e o afluente Coxipó em 1718, conquistando a numerosa tribo deste nome, e fundando várias aldeias, entre as quais a de Guarinos, notável pela sua numerosa população, hoje extinta. Fundou também a aldeia de *Sant’Ana* em Goiás, onde reuniu a tribo dos temíveis índios Bororo, em 1741”. (MARQUES, 1980: 76)

contra os Payaguá “adentro das demarcações pertencentes a Castella, nas vizinhanças de Cidade de Assunção” (JORDÁN & IZARD, 1991:159). Na década de 1770, foram fundados os presídios de Albuquerque e Coimbra, eficazes na guerra de conquista dos nativos e na interrupção da circulação das etnias pelo território sul-americano, abalando profundamente a resistência indígena. Nessa etapa da conquista, analisa Jordán e Izard, “se abre de hecho un período en el cual las naciones indígenas de frontera comenzaron un proceso de identificación del territorio étnico con el territorio de las dos coronas” (JORDÁN&IZARD, 1991: 162).

Com a redução da população e do campo de locomoção dos guerreiros, os Payaguá se trasladaram para Assunção, em 1791, onde se comprometeram perante as autoridades a “viver tranquilos” (CARVALHO, 1992: 466), numa comunidade de cerca de mil pessoas. No ano seguinte, dois caciques Guaicuru, *Emavidi Channé*, chamado de Paulo Joaquim Ferreira, e *Queyma*, o João Queima de Albuquerque, acompanhados de dezessete guerreiros e de uma negra brasileira levada como intérprete, foram à Vila Bela, onde, perante o governador, “fizeram um tratado de perpétua amizade, a aliança com termo de vassalagem à coroa Fidelíssima” (CASAL, 1976: 119).

Em síntese, no processo de conquista dos territórios indígenas da América Meridional, novas identidades, definidas por Jonathan Hill como etnogêneses, se forjaram no contexto colonial das guerras de resistência e de incorporação dos produtos coloniais pelos grupos ameríndios com interferências no circuito comercial ibérico. Contudo, no final do século XVIII, os grupos indígenas passaram a ter sua circulação controlada e limitada dentro de territórios demarcados pelas coroas, com a construção de fortes e formação de aldeias, que desorganizaram e enfraqueceram os movimentos de resistência dos ameríndios da América Meridional.

BIBLIOGRAFIA

- AZARA, Félix. *Viajes por la América Meridional*. T.II, Buenos Aires: El Elefante Blanco, 1998.
- CAMELLO, João Antonio Cabral. “Noticias Práticas das Minas do Cuiabá e Goiasés, na Capitania de S. Paulo e Cuiabá, que dá ao Ver Padre Diogo Juarez, o Capitão João Antonio Cabral Camello”. In: TAUNAY, Affonso d’E. *Relatos monçoeiros*, introdução, coletânea e notas de Affonso de E. Taunay, Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1981.

“Carta de um Passageiro de Monção (1785)”. In: TAUNAY, Affonso d’E *Relatos monçoeiros*. Introdução, coletânea e notas de Affonso de E. Taunay. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1981.

CARVALHO, Sílvia Schmuziger. “Chaco: encruzilhada dos povos e ‘melting pot’ cultural, suas relações com a bacia do Paraná e o Sul mato-grossense”. In: CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras: Sec. Municipal da Cultura: FAPESP, 1992.

CASAL, Manuel Aires. *Corografia brasílica ou relação histórico-geográfica do Reino do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1976.

DEPARTAMENTO DO ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO. *Publicação oficial de documentos interessantes para a história e costumes de São Paulo*. São Paulo, Arquivo do Estado, 1895-, vols. XII, XIII e XXIII.

FLORENCE, Hercules. *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas*. Trad. Visconde de Taunay. São Paulo: Cultrix: Edusp, 1977.

HILL, Jonathan (org.). *History, Power, and Identity. Ethnogenesis in the Américas, 1492-1902*. Iowa: University of Iowa Press, 1996.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O Extremo Oeste*. São Paulo: Brasiliense: Sec. do Estado da Cultura, 1986.

JORDÁN, Garcia& IZARD, Miquel. *Conquista y resistencia en la Historia de América*. Barcelona: Universitat de Barcelona, 1991.

MARQUES, M.E. de Azevedo. *Apontamentos históricos, geográficos, biográficos, estatísticos e noticiosos da Província de São Paulo*, t. II, coligidos por Manuel Eufrásio de Azevedo Marques, Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1980.

MATTOS, Raymundo José da Cunha. “Chorographia Histórica da Província de Goyas”, *Revista Trimestral do Instituto Histórico e Ethnográfico do Brasil*, 2º trimestre de 1874.

MOURA, D. Antonio Rolim. Relação da viagem que fez o conde de Azambuja, D. Antonio Rolim, da Cidade de S. Paulo para a Vila de Cuyabá em 1751. In: TAUNAY, Affonso de E. *Relatos monçoeiros*. Int., coletânea e notas de Affonso de E. Taunay. Belo Horizonte: Itatiaia. São Paulo: Edusp, 1981.

NEME, Mário. “Dados para a história dos índios Caiapó”, In: *Anais do Museu Paulista*, t. XXIII, São Paulo, 1969.

PALÁCIO, Francisco. “Roteyro da viagem de São Paulo p.^a as Minas do Cuyabá que fez Francisco Palácio no anno de 1726”. Manuscrito do século XVIII (1734?). Coleção Yan de Almeida Prado, IEB.

PRADO, Francisco Rodrigues do Prado, “História dos Índios Cavalleiros ou da Nação Guaycuru”, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 3^a ed., t.I, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1908.

SÁ, José Barbosa de. *Chronicas do Cuyabá*. In: *Revista do Instituto Histórico e Geographico de São Paulo*, IV, 1898-1899. São Paulo.

SERRA, Ricardo Franco de Almeida. “Parecer sobre o aldeamento dos índios uaicurús e guanás, com a descrição dos seus usos, religião, estabilidade e costumes”, *Revista Trimensal de Historia e Geographia*, 2^a ed., t. VII, Rio de Janeiro, 1866.

VALMASEDA, D. Carlos de Los Rios. “Notícia 4.^a Prática vinda da Cidade do Paraguai à Nova Colonia do Sacramento com aviso de venda, que fizeram os paiaguás dos cativos portugueses naquela mesma cidade, e escrita por D. Carlos de los Rios Valsamede”. In: TAUNAY, Affonso d’E. *Relatos monçoeiros*, int., coletânea e notas de Affonso d’E. Taunay, Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1981.

VANGELISTA, Chiara. “Los Payaguá entre Asunción y Cuiabá: Formación y Decadencia de una Frontera Indígena (1719-1790)”. In: Pilar Garcia Jordan e Miquel Izard, *Conquista y Resistencia en la Historia de América*, Barcelona, Universitat de Barcelona, 1991.